

Acácio de Toledo Netto  
*Universidade de Taubaté /  
Universidade de São Paulo*

---



---

Doutorando em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Professor da Universidade de Taubaté desde 1988; efetivo desde 2005 na disciplina Direito e Sociologia Ambiental. Bacharel em Administração de Empresas (1985), Direito (1996) e Arquitetura e Urbanismo (2014). Mestre em Ciências Ambientais pela Unitau (2005).

---

cv: <http://lattes.cnpq.br/4238227557793219>

E-MAIL: [acaciotnetto@gmail.com](mailto:acaciotnetto@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-001-9637-1428>

---

ESSE LUGAR CHAMADO “MERCADÃO”: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DA PAISAGEM

RESUMO: A complexa e dinâmica reflexão sobre o conceito de paisagem trouxe para os dias de hoje uma formação para além do território, a noção de “paisagem fenomenológica”. O texto discute a ideia da representação de um dado lugar, à luz da proposta bachelardiana de uma “topoanálise”, contrapondo-o a necessidade de sentir esse lugar concreto e suas “rugosidades”. A partir da exposição oral, este trabalho busca realizar um estudo, a construção de um olhar, acerca das relações existentes entre o universo fenomenológico e imaginário de seus atores e das imagens do lugar e do espaço, inspirado pela obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard. Desde o seu surgimento, o “mercidão” abriga aspectos sutis que caracterizam a sociabili-

dade, as vivências, as memórias e as aspirações dos taubateanos, ilustrativas de como as experiências subjetivas e as interações intersubjetivas são condicionadas pelo lugar (físico e também simbólico), onde se concretizam.

PALAVRAS-CHAVE: MERCADO, PAISAGEM, IMAGINÁRIO, LUGAR, SUBJETIVIDADE

---

THIS PLACE CALLED "MERCADÃO": A PHENOMENOLOGICAL STUDY OF ITS LANDSCAPE

**Abstract:** The complex and dynamic reflection on the concept of landscape has brought to our days a formation beyond the territory, the notion of "phenomenological landscape". This text discusses the idea of the representation of a certain place, in the light of the Bachelardian proposal of a "topoanalysis", opposing it to the need to feel this concrete place and its "roughness". Through the oral exhibition of the licensees and regulars, of the municipal market of Taubaté (SP) - the "mercadão", this work seeks to carry out a study, the construction of a gaze, about existing relations between the phenomenological and imaginary universe of its actors and the images of place and space, inspired by Gaston Bachelard's *The Poetics*

*of Space*. Since its inception, the "mercadão" shelters subtle aspects that characterize the sociability, experiences, memories and aspirations of the Taubateans, illustrative of how subjective experiences and intersubjective interactions are conditioned by the place (physical and also symbolic), where they materialize.

**KEYWORDS:** MARKET, LANDSCAPE, IMAGINARY, PLACE, SUBJECTIVITY.



# Esse lugar chamado “mercadão”: um estudo fenomenológico da paisagem

---

Acácio de Toledo Netto  
Universidade de Taubaté /  
Universidade de São Paulo

## 1. PAISAGEM, ESPAÇO E LUGAR: REALIDADE OU REPRESENTAÇÃO?

Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio um grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. (BÍBLIA, 1999, p. 204)

As cenas da natureza descritas acima, do capítulo *apokalypsis* (em grego), poderia ser classificado como um dos mais temidos da Bíblia. O “livro das revelações” trata detalhadamente, entre outros, de uma das conhecidas profecias sobre o fim da civilização terrestre, ou o fim da vida; o fim da história. Desde a antiguidade, o ho-

mem ocidental e sua cultura nutre um fascínio pela possibilidade do fim (D'ANGELO, 2009). Parece que este aflitivo fascínio se retroalimenta pela finitude da vida e os momentos irreversíveis da eternidade do tempo (GLEISER, 2001). A história vem patenteando que esse ímpeto exploratório não é diferente com a noção de paisagem, espaço e lugar: uma realidade ou uma representação?

Assim como o “fim da história”, o “conceito de paisagem”, desde a modernidade, ainda passa por questionamentos nas mais diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, da filosofia, da história, da geografia, da arquitetura, da pintura, entre outras. São os mais variados “conceitos” de paisagem, dependendo, muitas vezes, do interesse, da história, das relações, do contexto social e cultural, de quem as define e que poderá vir a ser a base de um pensamento científico.

Dessa polissemia da paisagem, poderíamos acolher, como noção de paisagem, baseado na reflexão de alguns autores, neste estudo abordados, numa representação social-filosófica e nos mais variados momentos histórico-espaciais, a relação do imaginário coletivo do Mercado Municipal de Taubaté – SP, o “mercadão”, e sua inserção cultural ao longo da história, como um “marco”, um “recorte” da natureza no município de Taubaté, que despertou um fascínio exploratório deste estudo. Um começo e não um fim.

Na multiplicidade de sentidos da “paisagem”, encontram-se redações que indicam, de modo singular, algumas formulações dos primeiros passos de um “novo olhar” para a modernidade, atribuindo-se a Petrarca, como a pessoa, do cume do monte Ventoux, nos Alpes franceses, a experiência da contemplação desinteressada do mundo natural exposto ao olhar. Diz respeito ao olhar a natureza não por meio dos livros, como era o costume na Idade Média, mas com os próprios olhos. Ele “viu a natureza por ele mesmo”.

Deste modo, a ascensão de Petrarca ao monte Ventoux é um momento “constitutivo do sentimento da paisagem”, como uma experiência interior universal (BESSE, 2014, p. 2).

Os escritos de Simmel (2013) sugerem, que a observação dos mais variados objetos/elementos que se apresentam à visão, muitas vezes “num raio visual efêmero” (SIMMEL, 2013, p. 20), não basta para “definir” o que vem a ser “paisagem”. Ainda para Simmel (2013, p. 20) “a consciência deve apreender, além dos elementos, um novo conjunto, uma nova unidade, não ligados aos significados particulares de cada elemento, nem composto mecanicamente da sua soma”. Assim, suas abordagens, entre sujeito e objeto, decorrem em pensamentos de que a paisagem parece ser o meio entre sujeito e objeto. De seus escritos, podemos depreender que sujeito e objeto se fundem para formar a paisagem. A paisagem, então, vem a ser um espaço de mediação.

Seja no olhar subjetivo da noção de paisagem, com seu caráter estético e até pela sua relevância, como tema entre renomados pintores (CLARK, 1961); a partir de autores, como George Simmel, podemos notar que a ideia de paisagem revela também um caráter filosófico da arte e da estética, que, como espaço de mediação, questiona seus efeitos para o indivíduo ou para a coletividade, na relação tempo/espaço, na história.

Ritter (2013) aborda uma reflexão sobre o surgimento do sentimento estético da natureza na tradição ocidental. O autor evoca que o sentimento estético da paisagem nasce do “divórcio” entre homem e natureza. O autor muda nossa forma de olhar o lugar. “Olhar é ver e é também conhecer o todo como todo” (RITTER, 2013, p. 31).

Este seu pensamento mobiliza “nosso olhar para a cidade como lugar da existência da liberdade” (RITTER, 2013, p. 31). Ritter vai para além da paisagem como estética na sociedade moderna.

O pensamento de Ritter é o próprio pensamento sobre a paisagem. Há, em Ritter, um verdadeiro resgate do fundamento filosófico, em que ele constrói

a questão tal qual ela emerge na tradição ocidental e do modo como ela constitui, hoje, o embasamento da situação contemporânea. O horizonte deste volume abre assim uma fenomenologia da paisagem, sendo que o texto de Petrarca prefigura um momento fenomenologicamente constitutivo daquilo que George Simmel denominará o sentimento da paisagem. (RITTER, 2013, p. 31).

A menção, neste trabalho, de variados autores, não significa afirmar que comungam do mesmo pensamento da noção de paisagem, mas são obras produzidas em diferentes momentos e que guardam significativa relação com os propósitos deste trabalho e denotam um verdadeiro fascínio pelo tema através dos tempos e da história.

Assim, a concepção de que a paisagem não é puramente estética, abraçada a um gênero específico da pintura, a partir dos séculos XVII e XVIII, mas uma concepção mais abrangente da paisagem, do espaço e do lugar, em possuir uma significação, que se pode ter como territorial e geográfica, é também largamente explorada por Besse (2014). A partir de então, a visão de enquadramento, ou janela, da paisagem se dissipa, dando à paisagem uma dimensão subjetiva. A paisagem passa a ser compreendida “como espaço objetivo da existência, mais do que como vista por um sujeito” (BESSE, 2014, p. 21)

Portanto, do que se lê, pode-se apreender, que o termo paisagem possui uma relação espacial, mas sob aspectos distintos. Um deles é que a paisagem pode ser caracterizada com uma designação de unidade territorial, onde a vida humana acontece, mas também, sob outro aspecto, é que a paisagem pode ser possuidora de uma

representação, de onde o observador “filtra” seu olhar, que poderíamos invocar como uma estética fenomenológica do espaço, que comunga com a visão de Jean-Marc Besse.

## **2. ESSÊNCIA E PERCEPÇÃO DA PAISAGEM, DO ESPAÇO E DO LUGAR**

Kenneth Clark (1961) em seus escritos, coloca-nos distantes das coisas determinadas e fixas. Os elementos por ele evocados no texto, contêm uma distância implícita e são descritos como um fragmento de natureza, o que já os tornaria uma “pintura de paisagem” aproximando-nos da noção de “sentimento” de natureza. Sua obra trata exclusivamente de pintura e se fundamenta sobre o fato de que a palavra “paisagem”, designa, indiretamente, a realidade ou sua representação.

A partir desse sentimento de natureza prenunciado por Kenneth Clark (1961), este trabalho adota a noção de paisagem discutida por Besse (2014), como uma experiência vivida, de base fenomenológica, que entende a paisagem como uma construção social e cultural, nutrida pelas interações entre indivíduos e que compartilham suas experiências. Para tanto, adotamos que a paisagem não é apenas algo que se contempla, que se admira, que se vê e que se percebe, mas paisagem é também o sentir. “A geografia está do lado da percepção, a paisagem do lado do sentir. (...) A paisagem é da ordem do sentir. Ela é a participação e o prolongamento de uma atmosfera, de uma ambiência” (BESSE, 2014, p. 79).

Reforçamos que não é a proposta deste trabalho fechar questão sobre a noção de paisagem, mas uma reflexão fundamentada em alguns saberes, já que, dependendo da questão ou problemática e seu referencial de interpretação, a noção de paisagem pode dispor de outro modo, como uma linha tênue. Porém, consentir

que a paisagem é um campo polissêmico, como já abordado, é fundamental quando a paisagem transpõe para a categoria de objeto de estudo.

### 3. DA GEOGRAFIA A PAISAGEM: A FENOMENOLOGIA

A geografia clássica possui um forte caráter pautado no visual, ao passo que a geografia atual, está mais intimamente ligada ao caráter fenomenológico das ciências sociais,

cristalizado no conceito de *espaço*. (...) A geografia, na sua versão positiva, tornou-se uma ciência social que estuda as distribuições espaciais, as estruturas espaciais, as circulações espaciais, os comportamentos espaciais de atores supostamente racionais e, portanto, ‘modelizáveis’. (BESSE, 2014, p. 77)

Reforça, ainda, o autor que, foi por meio da fenomenologia, que tornaram possíveis atitudes mais abrangentes nas definições “dos objetos e na escolha dos métodos” (BESSE, 2014, p. 77).

Instaurou-se pela fenomenologia, no estudo da “paisagem”, novas possibilidades de pesquisa, despertando o “interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço” (BESSE, 2014, p. 78). Hoje, novos elementos têm saberes e significações geográficos, como por exemplo, tradições literárias, religiosas, as artes plásticas, entre outros. E sob essa nova perspectiva, a paisagem passou a ser compreendida como uma representação, dotada de valor da vida humana e sua formação cultural do que um mero objeto.

O espaço geográfico é decomposto por um sistema de coordenadas, é sistematizado, é *fechado*. “A paisagem, segundo Strauss, não é uma categoria – e menos ainda uma experiência – antropológica.

Ela é pré-cultural, pré-antropológica” (BESSE, 2014, p. 80). Ainda, segundo Besse (2014, p. 81) “a paisagem é o espaço do sentir (...) é habitar o espaço (...) sem pressuposição nem finalidade”.

Dardel, segundo Besse (2014), está preocupado não com o “objeto construído”, tampouco uma “modelização espacial dos fenômenos sociais” (BESSE, 2014, p. 86), mas seu olhar é para a questão fenomenológica do espaço geográfico. Um espaço percebido e vivido.

O espaço de Dardel (BESSE, 2014, p. 88) possui propriedades “materiais”.

O espaço geográfico possui uma ‘solidez’ que resiste às operações combinatórias do entendimento científico, mas também aos esforços da ação voluntarista (...) mais do que um ‘objeto’ colocado diante de um ‘sujeito’. É um dado elementar da vida do espírito humano em contato com a Terra. É uma qualidade essencial do lugar em que o homem se encontra, dando à sua experiência do momento uma essência e uma densidade próprias. (...) o mundo a partir deste lugar.

Assim, de acordo com Jean-Marc Besse, abre-se uma larga perspectiva para o estudo da paisagem: uma hermenêutica dos elementos da superfície da Terra, que segundo Dardel incluiríamos também os espaços construídos, que serão considerados nas suas significações e repercussões da sensibilidade e do pensamento humanos.

Dardel e Bachelard (2012) estão muito próximos, mas Dardel vai além. Suas indagações estão

no centro da fenomenologia da percepção, uma interrogação que visa o nascimento das significações no próprio âmago do sensível. (...) O espaço geográfico é um espaço da vida, mas um espaço pela

qual a vida se expressa, um espaço no interior do qual a vida descobre significações que são indissolúvelmente as suas e lhe concernem, numa interexpressão do subjetivo e do objetivo, que é distintivo da vida real (BESSE, 2014, p. 89 e 90).

Antes de qualquer experiência visual, a paisagem é expressão da existência.

A paisagem é essencialmente mais *mundo* do que *natureza*, ela é o mundo humano, a *cultura* como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra. (...) não há Terra sem homens que a habitem e contribuam para lhe dar seu sentido de Terra para existência humana. (...) a Terra concebida unicamente como planeta não é Terra, mas apenas um corpo indiferente ao mundo das significações e dos valores. A terra do geógrafo não é um planeta, (...) a *base* da existência humana. (...) esta é, sem dúvida, a missão *filosófica* que Dardel atribuiu à geografia (BESSE, 2014, p. 92).

#### **4. A POÉTICA DE GASTON BACHELARD**

Na obra *A Poética do Espaço*, o filósofo francês Gaston Bachelard, elabora uma reflexão de espaços e lugares, no qual o autor mostra sua intenção de elevar o objeto de sua análise, definido pelo próprio autor como “topoanálise”, que é o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. Para o autor, é analisar os espaços e os lugares ao nível poético do devaneio.

Para mostrar que há poesia nos principais espaços preferidos pelo indivíduo, Bachelard se utiliza da faculdade humana da imaginação, por vezes adormecida, mas que tem o poder de fazer nascer, renascer e criar novas formas de vida e de intimidades, proporcionando aos ob-

jetos e coisas um importante significado, que por si só não possuem.

Bachelard, em sua obra, relaciona o espaço a uma fenomenologia da imaginação poética, naquilo que o autor denomina de “imagens poéticas”. Uma transfiguração do mundo real, um estado de devaneio. Um universo ainda vivo, nutrido pelas nossas recordações, algumas lembranças dormentes. E por que não uma forma de conhecimento?

Nesse universo de imagens, Bachelard restringe sua análise ao exame das imagens simples, as imagens do *espaço feliz*, do qual o autor denomina como *topofilia* (BACHELARD, 2012, p. 19), determinando os valores humanos dos espaços de proteção, a casa. Desta forma, para o autor, a imagem poética do espaço permeia uma linha que se inicia com a poética da casa, como instrumento de proteção para a alma humana, partindo para os valores da casa dos indivíduos, suas cabanas, e das suas coisas, como: gavetas, cofres e armários; dos ninhos a conchas; dos cantos e dos espaços da miniatura à imensidão; da dialética do exterior e do interior, e, finalizando, do vigor ontológico das imagens e da fenomenologia do redondo.

## 5. O CENÁRIO: MERCADO MUNICIPAL DE TAUBATÉ - SP

Segundo Benévolo (2009), a origem das cidades remonta a 5.500 a. C. na região da Mesopotâmia, a partir da divisão social nos aldeamentos dos povos que deixaram de ser nômades após a revolução agrícola. A estruturação das cidades tem íntima relação com as atividades comerciais. Nesse processo o mercado, desde as primeiras cidades, sob o aspecto de forma e função, apresenta papel de destaque e ao mesmo tempo, um “cenário” condicionante para a reprodução das relações sociais. Historicamente a cidade e seus múltiplos usos apresentam-se em constante transformação de acordo

com os anseios da sociedade e ao longo de cada período histórico. A história se repete e não é diferente hoje nos municípios onde se encontram os mercados municipais.

Assim foi também na próspera vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, o povoado da antiga aldeia de “taba-etê”. De acordo com Reis (2013, p. 17), em seus estudos, Félix Guisard Filho descreve o surgimento da necessidade de um local para comercializar produtos da roça: “Começando, inicialmente na praça da igreja matriz e mais tarde no Largo da Bica e no Largo do Tanque”. Assim surgiu o Mercado Municipal de Taubaté - SP, mais que um espaço mercantil, um ponto de encontro, onde também, à época, realizavam-se trocas de mercadorias de primeiras necessidades e produtos básicos, mas acima de tudo uma construção contígua da história, intimidades ali registradas ao longo do tempo.

O “mercado” é uma tradicional feira de frutas, verduras e produtos dos sítios da zona rural, inclusive artesanato, doces e quitutes da cultura caipira. Ainda, um raro exemplar arquitetônico do período eclético no Brasil, descrito por Carlos Lemos (1989) na sua obra *Alvenaria Burguesa*, muito embora suas características mais visíveis ficaram camufladas por alterações ao longo do tempo, desconsiderando a sensibilidade do conjunto.

Sua importância maior está na convivência cotidiana dos personagens que compõem a riqueza da história, como os agricultores, os permissionários, os artesões, os tropeiros, os comerciantes, os músicos, os artistas, os frequentadores, entre outros, como se percebe nas entrevistas. Um ponto de encontro para as trocas mercantis de primeiras necessidades e produtos básicos para a subsistência da população. A intimidade e proximidade das relações ali estabelecidas, criavam-se, muitas vezes, laços de amizade. Comenta o historiador Armindo Boll (REIS, 2013, p. 17-18):

Ao mesmo tempo em que ocorria a transação comercial, havia trocas que formariam a mentalidade e a cultura do taubateano. (...) Dessa forma, a tradição fica reavivada, e o convívio fica fortalecido. O novo e o velho entrecruzam-se, e a cultura é preservada. (...) O Mercado Municipal de Taubaté faz parte da vida dos habitantes da nossa região. É um patrimônio material e imaterial que merece um olhar atento e uma pesquisa dos mais diversos aspectos que compõem a sua história.

Explorar o mercado de Taubaté, além da questão arquitetônica e mercantilista, depreende que este “gigante taubateano” responde também por determinadas funções humanas: elementos sobreviventes; abrigos de memórias, que guardam cumplicidades de épocas de seus atores. É um processo cotidiano de uma relação complexa entre a morfologia do mercado municipal e a força das relações sociais que emergem e se expressam nas representações imaginárias de cada um. O mercado hoje, além de um sonho realizado é também referência regional, dada sua importância no comércio local e regional. Foi “ali, naquele pátio, que muitas famílias começariam uma atividade que fomentaria sucessivas gerações” (REIS, 2013, p. 37).

## **6. ESSE LUGAR CHAMADO “MERCADÃO”: UM MOSAICO DE RELAÇÕES FENOMENOLÓGICAS?**

Besse (2014) evidencia o papel de uma geografia muito mais atual, que está mais intimamente ligada ao caráter fenomenológico das ciências sociais, “cristalizado no conceito de *espaço*” (BESSE, 2014, pág. 77), voltada, muito mais, ao estudo das distribuições espaciais, das estruturas espaciais, das circulações espaciais e dos comporta-

mentos espaciais “de atores supostamente racionais” do que o caráter visual da geografia clássica. Isto foi possível somente por meio dos estudos fenomenológicos das relações sociais dos espaços.

A luz da sua obra, podemos sugerir, ao objeto de estudo deste trabalho, o mercado municipal de Taubaté - SP, como um “espaço” com ressonâncias simbólicas e de bases arquetípicas, inerentes ao ser humano. Imagens não construídas pelo cotidiano, mas imagens formadas pelos atores desse cenário como um ato fenomenológico, que aqui será discutido, na esteira bachelardiana.

Capturar essa identidade no “mercadão; descrever esse mapa afetivo nos seus espaços ou realizar uma leitura dos espaços a partir das imagens simbólico-espaciais de seus atores, não é um processo trivial. Para elaboração dessa leitura, tornou-se necessária a elaboração de um acervo das fala dos atores do “mercadão”, a partir dos depoimentos orais (WHITE, 2005 e MEIHY, 2007), para elaboração da leitura fenomenológica desse “lugar”.

Essencialmente todas as entrevistas demonstram do espaço “mercadão” ressonâncias simbólicas, que vão do mais amplo, segundo Bachelard, a casa, até o menor, a concha, onde pode-se observar o *espaço feliz* de seus atores. O mercado é para eles um lugar onde se sentem seguros, ficam à vontade, o próprio lar, a própria casa, a sua “morada”, cada qual com sua particularidade. Dona Geni, por exemplo, como tantos outros, vê no mercado sua casa, seu ninho:

Eu nasci aqui. (...) É. Minha mãe tinha banca lá naquele poste. Daí ela passou mal o guarda levou ela pro hospital Santa Isabel, ela teve eu, voltou comigo no colo. E eu me criei aqui embaixo da banca. 52 anos que eu tenho. É, eu nasci aqui... (...) Mas eu trabalho aqui e não pretendo sair daqui não. Tive um enfarte aqui no mercado... Tô a vida inteira aqui mesmo. E pretendo ficar por aqui..

Ao mesmo tempo que lá é o seu lar e o vê com ”luz,” como um “céu limpo e azul”, como se estivesse no sótão, ela vai ao porão, com sentimentos de medo e escuridão, quando relata a coisa ruim do mercado, na sua visão:

Aqui a única coisa que é ruim é muito maloqueiro, que tem sabe. Muito maloqueiro. Muita gente pedindo, muita gente fedida de bairro, sabe (...) Minha vida foi tudo aqui, né. Sempre trabalhei. Tudo que eu tenho é daqui do mercado

Pode-se constatar, a partir das entrevistas, além da questão arquitetônica e mercantilista, que o mercado responde também por determinadas funções humanas: elementos sobreviventes; abrigos de memórias, que guardam cumplicidades de épocas de seus atores. Carmen relata:

Então, assim, aqui é um histórico, né. Começou do meu pai. Meu pai tem 49 anos de feira, né? E eu tenho 8 anos. Então, passou de pai pra filha (...) A gente cresceu aqui, vendo o nosso pai trabalhar. Tudo que a gente tem em casa, saiu daqui do Mercado. O pai criou a gente tudo. A gente tem uma vida boa em casa. Tem nossa casa, né. Hoje eu estudei o meu filho, engenheiro, com o dinheiro do Mercado.

É um processo cotidiano de uma relação complexa entre a morfologia do espaço mercado municipal e a força das relações sociais que emergem e se expressam nas representações imaginárias de cada um. E, essa intimidade afetiva expressada pela imagem, tem base na obra de Bachelard, para que se compreenda a natureza da imagem, conforme relata Luis Carlos:

Olha, na parte humana, o que faz parte é o calor humano. O Mercado tem muito calor humano. A pessoa tem um contato mais direto (...) Você forma amigos no Mercado Municipal. É um doce veneno. É um doce vício. É sempre bom vir comer um pastel, tomar uma cachaça, bater papo, ir na breganha, ver o que que tem, quem tá lá, o que que eu posso trocar, o que que eu posso comprar, né

Nas entrevistas pode-se constatar, ainda, o não-saber da imaginação, já que os atores nem sempre relacionam a simplicidade de sua imagem à sua história, ou a partir do seu passado. Nos surpreendemos com os relatos acerca da realidade sensível dos atores. O mercado e a casa não se opõem, percebe-se, a partir dos relatos, que a intimidade da casa está contida na diversidade espacial do mercado. Este, percebe-se nos relatos, permite a multiplicação das possibilidades de relações sociais que são estabelecidas nele. E mais, é a partir de espaços urbanos, como o mercado municipal, que o homem contemporâneo realiza boa parte de suas necessidades. A sensibilidade do “Seu Chico” pode ser percebida na sua fala

lá fora não vive sem a parte de dentro e a parte de dentro não vive sem lá fora (...) estou aqui há 47 anos, desde 13 anos de idade, e eu só vi acrescentar é, devido ao tempo, à perseverança, porque são pessoas diferentes, que vem a frequentar o nosso ponto, que se torna, assim, é, gostoso de trabalhar nesse ramo. Porque muitas pessoas começam crianças trazidos pelos pais, quando, é, as crianças crescem, vão lembrar de quando eram crianças e retornam pra matar a saudade. Então, eu já estou aqui praticamente, estive fazendo as contas, com três gerações. Os avós, filhos, e os netos.

No mercado há os que trabalham, negociam, compram e vendem bens necessários à sobrevivência; nele seus atores se divertem, encontram pessoas e novas relações emergem a partir daí, “vemos e somos vistos”. Na correria ou na calma contemplativa, o mercado abriga suas vidas.

Apesar da significativa diferença entre as faixas etárias, em todas as entrevistas, é possível verificar o vínculo afetivo das pessoas com esse lugar. Trabalham lá porque gostam, apesar das dificuldades que relatam haver no cotidiano dali. E o que parece fortalecer o vínculo são as relações construídas com as outras pessoas que ali estão, trabalhadores ou fregueses. Gisele, filha do Gil, fala sobre isso:

Desde que eu nasci... Fui criada aqui embaixo, pelos meus pais (...) Acho que o melhor que o mercado tem é o pastel... Pastel com vinagrete. (...) Acho que tem muito andarilho. Muito pedinte. Muito sujo, com mal cheiro... Isso afastou muito as pessoas... Os ciganos também atrapalham bastante. Porque eles ficam cutucando, batendo a mão, pedindo dinheiro, quando a pessoa não dá, eles respondem, eles falam palavrões. É bem chato

A troca do passado e a compra e venda do presente. A troca ainda permanece, mas como hábito de alguns feirantes que não abrem mão desta possibilidade em momentos de necessidade de ambas as partes. Esse hábito do passado resiste ainda em meio ao capitalismo atual. Sueli relata sua experiência na feira da “breganha”

Minha mãe trabalhava. Até pouco tempo. Minha mãe ainda é viva, graças a Deus. Mas só que agora ela não... ela tem muito problema de saúde, e ficar o tempo todo assim, no sol, né? (...)mas deixa eu falar, eu gosto de ir pra breganha! Que é meu único dia

livre, né? Com os meus filhos. Aí eu falo: até uma hora, eu vou pra breganha. Depois eu sou mãe, sou vó, sou esposa, sou dona do lar. Por enquanto, não sou nada.

A riqueza dos relatos permite-nos, ainda, um nível de detalhamento acerca das escolhas de alguns espaços no mercado, a “morada ideal”, um verdadeiro reduto, com cantos e recantos. Espaços proibidos, que os atores evitam sempre que possível ou que temem, por exemplo os “ciganos e maloqueiros”. Espaços desejados, espaços especiais, que buscam quando querem encontrar alguém, recordar. Elegem espaços para sentir paz. Por exemplo, a “Casa do Norte do Edilson e da dona Fátima”. Para se sentir seguros, por exemplo, o antigo Banco “Banespa”, um verdadeiro “cofre com chave”, ou uma concha.

Também durante as entrevistas é possível perceber expressões, traduzidas nos gestos, em frases inconclusas, raciocínios que se esvaíam, mas também metáforas, jogos de palavras, diferentes entonações, cheios de encantamento. Enfim, dezenas de pequenas pistas que merecem tempo e dedicação para uma melhor compreensão dos relatos dos diversos atores e seus imaginários.

## **CONSIDERAÇÕES**

Parece-nos muito natural pensarmos a cidade a partir de seus lugares e espaços. Mencionar um lugar encontra em nossa imaginação um imediato apelo de visualização. Se esse lugar nos é conhecido, fez parte da nossa infância, essa visualização certamente irá intumescer nossa memória e, dependendo da qualidade e intensidade de nossa experiência com esse lugar, opera-se uma rica reconstrução de seus espaços físicos e, por que não, poéticos.

Poderá operar-se uma sucessão frenética de imagens espaciais e, dependendo da intimidade que temos com estes lugares, poderemos nos surpreender pela imagem de um rosto conhecido ou de um habitante de quem pouco se conhece, mas comumente visto por ocasião de nossa passagem. Aos poucos essas imagens dissipam-se e misturam-se a outras, até associarmos a sensações de bem-estar que atribuímos a algum momento de nossa vida. Como, por exemplo, aquele dia comendo um bolo de fubá e bebendo café na casa da avó que, mesmo sendo uma forma de imagem, pede-se por uma visualização que a explique.

Será que esse cheiro provinha do fogão a lenha onde preparou-se aquele bolo e o café? Será frustrante a constatação de que não poderemos mais reconstruir o que já se foi, o passado, o vivido, mas isto aguçarás ainda mais nossas lembranças e, como humanos que somos, recriaremos sensações e sentimentos que se confundirão entre o real e o imaginário e, então, dar-nos-emos conta de que estamos num verdadeiro processo de imaginação.

Os lugares e as transformações sociais também são vítimas das mudanças, mas este trabalho não enfatizou a mera descrição dos espaços, mas a narrativa do espaço “como um instrumento de análise da alma humana” (BACHELARD, 2012, p. 20), mas citamos aqui algumas das reclamações mais presentes nas entrevistas como: a melhoria da higiene; mais estacionamentos; um calçadão, segurança, eventos culturais no mercado, melhorias para o turista, entre outras. Por esta razão, sugerimos a divulgação deste trabalho para a administração pública municipal e para os atores desse cenário.

Por fim, parece que este trabalho encontra eco na obra de Bachelard, na *fenomenologia da imaginação*, afim de demonstrar que o espaço, como instrumento de análise da alma humana, nos faz entender melhor o espaço poético do “mercadão”, esse “gigante taubateano”.

## REFERÊNCIAS

---

- BACHELARD, GASTÃO. A poética do espaço. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Martins Fontes, 2012
- BENÉVOLO, LEONARDO. História da Cidade. 4a. ed. 2a. reimpr. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009
- BESSE, JEAN-MARC. Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1999.
- CLARK, KENNETH. Paisagem na arte. Lisboa, Editora Ulisseia, 1961.
- D'ANGELO, PAOLO (COORD.) Estética e Paisagem. “Estética e Paesaggio”. Bologna, Il Mulino, 2009. Trad. Bartalini V., para uso exclusivo da disciplina AUP Paisagismo, AUP 5834 A Paisagem no Desenho do Cotidiano Urbano e AUP 5882 Paisagem e Arte – Intervenções Contemporâneas, do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 2009
- GLEISER, MARCELO. O Fim da Terra e do Céu: O Apocalipse na Religião e na Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- LEMONS, CARLOS A. C. Alvenaria Burguesa. . 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1989
- MEIHY, JOSÉ CARLOS SEBE BOM. História oral: como fazer, como pensar / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. São Paulo: Contexto, 2007
- REIS, HÉLIO MONTEIRO DOS. Tanque da Aguada: A história do Mercado Municipal de Taubaté. Hélio Monteiro dos Reis; Organizadores: Ana Paula Alves

e Lincoln Santiago C. de Souza.  
Taubaté, SP: Gráfica Santuário –  
2013.

SIMMEL, GEORGE. Filosofia da Paisagem. Tradução de Vladimir Bartalini disponível em Paisagem Textos I, coletânea de traduções deste professor com a finalidade exclusiva de subsidiar as disciplinas AUP 5834 A Paisagem no Desenho do Cotidiano Urbano e AUP 5882 Paisagem e Arte – Intervenções Contemporâneas, do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 2013, p. 20-27. Publicação original: La tragédie de l'aculture et autres essais. Tradução do original alemão para o francês: Sabine Cornille e Philippe Invernél, Paris, Editions Rivages, 1988.

## Capítulo 25

---

Esse lugar chamado “mercado”: um estudo fenomenológico da paisagem  
Acácio de Toledo Netto